

Saber narrativo: proposta para uma leitura de Italo Calvino

Maria Elisa Rodrigues Moreira

Resumo:

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o saber narrativo e suas possíveis contribuições aos estudos literários, a partir de uma proposta de leitura da obra de Italo Calvino. Utilizando o hipertexto como referencial teórico-metodológico, percorre-se a obra do escritor em trajetos temáticos relativos a conceitos relevantes ao campo da literatura.

Palavras-chave: Italo Calvino, saber narrativo, hipertexto.

Num contexto em que as discussões sobre a produção de conhecimento rompem com o paradigma da ciência moderna ocidental e abrem as portas para outros saberes que não o científico, consideramos importante trazer para o escopo dos estudos literários reflexões advindas da ficção e constituintes do que chamamos "saber narrativo", identificando as possibilidades de conformação de um saber narrativo sobre o literário a partir da reflexão que a literatura faz de si própria e da articulação desse discurso aos diversos outros que compõem nossa rede de saberes.

A crise do paradigma científico dominante propiciou a emergência de saberes múltiplos, reticulares e não-hierarquizados, que refletem a consciência da complexidade do saber e da impossibilidade de sua totalização, conforme as reflexões de Edgar Morin (1998, 2002, 2005) e Boaventura de Souza Santos (2003, 2004), em especial. Esse novo modelo de produção de saberes privilegia as conexões, os pontos de convergência e as bifurcações; enfim, trata o saber como um processo marcado pela mobilidade constante e pela multiplicidade de possibilidades de sua conformação.

A narrativa ganha, sob esse ponto de vista, espaço entre os diversos discursos produtores de saber, com os quais dialoga constantemente. Caracterizando-se principalmente, conforme afirma Jean-François Lyotard (2002), por retirar de cena exigências típicas do saber científico, como a demonstração e a verificação, e por insistir na irredutibilidade da pluralidade do mundo, o saber narrativo contribui em muito para a produção de um saber que se deseja marcado pela mobilidade e não pela rigidez. No saber narrativo, ficção e teoria conjugam-se num movimento de permanente construção do objeto abordado, movimento que agrega os lapsos, as contradições e os intervalos de informações e reflexões propiciados pelo próprio objeto de análise.

Para levar adiante tal reflexão, optou-se por tomar como fio condutor a obra de Italo Calvino, escritor que sempre esteve às voltas com a questão do saber, e propor uma leitura da mesma que tivesse como referencial conceitual e metodológico as teorias de rede, em especial as teorias do hipertexto, conforme abordadas por Pierre Lévy (1993, 1996, 2003). Optou-se pela obra de Italo Calvino porque ela propicia inúmeras reflexões: o autor transita entre temáticas e estilos narrativos diversificados, mesclados em produções narrativas e ensaísticas que se mostram confluentes e coerentes ao desbordar as fronteiras dos gêneros discursivos e ao fazer transitar entre eles dúvidas, descobertas, hipóteses e saberes múltiplos. Calvino foi um escritor que constantemente se interrogou sobre seu próprio trabalho, sobre as estratégias e escolhas a ele inerentes, e sobre as possibilidades de existência do ser humano no mundo. Frequentemente esses questionamentos eram explicitados em seus textos, fossem eles ficcionais ou ensaísticos. Nesse sentido, Calvino elaborou uma teia de textos na qual a produção de saberes se configura como um processo contínuo e sem limites rígidos e pré-estabelecidos.

A definição do referencial teórico e conceitual justifica-se pela contribuição das teorias do hipertexto com um modelo de produção de conhecimento dinâmico, híbrido e relacional. Além disso, nos parece que um diálogo entre os estudos literários e os estudos do hipertexto pode trazer contribuições diversas a ambos os campos, que lidam com conceitos muito próximos e centrais em suas reflexões, como texto, escrita e leitura.

Dessa maneira, o hipertexto funciona nessa proposta de leitura da obra de Italo Calvino tanto como referencial teórico quanto como operador de leitura; pensando sua obra como uma complexa rede na qual as mais variadas questões atravessam-se constantemente, traçou-se através da mesma um percurso hipertextual no qual foram identificadas algumas figuras importantes sobre o literário, em especial as referentes aos processos de escrita e leitura e seus desdobramentos.

Tomando como eixo central desse trajeto hipertextual, num primeiro momento, o livro *O castelo dos destinos cruzados* (CALVINO, 1994), foi possível compor um painel acerca da escrita e da leitura constantemente aberto a outras reflexões sobre o tema, fossem elas advindas dos estudos literários, do hipertexto ou da própria obra de Italo Calvino. O livro apresenta diversas histórias que se entrecruzam pelo fato de seus protagonistas estarem dividindo o mesmo espaço. Em volta da mesa de um castelo – ou de uma taverna – vários personagens narram, através de um baralho de tarô, a história de suas vidas. A história do castelo só se completa com a participação de todos os personagens, com a junção de todas as pequenas histórias que, se não se cruzam no campo da diegese, se encontram no campo discursivo. Para o desenvolvimento dessa história, Calvino dispôs de dois campos narrativos: a narrativa iconográfica do tarô e a narrativa literária, articuladas pelo movimento dos personagens e do narrador.

A mesa do castelo vai sendo paulatinamente preenchida com as cartas de tarô escolhidas pelo personagem que apresenta sua história. Essa narrativa, no entanto, só se efetiva com a participação do leitor-intérprete, no caso, o narrador. A interação se faz necessária para que a história do castelo possa ser construída, e os personagens que circundam a mesa formam uma rede cuja centralidade se desloca a cada momento. À medida que as cartas são dispostas pelos personagens, o narrador atua

como leitor da narrativa iconográfica e como autor da narrativa literária, na qual explicita, a todo o momento, suas dúvidas, possibilidades, hesitações e conjecturas.

Seguindo a narrativa do tarô, a lógica da escolha e colocação das cartas sobre a mesa, estamos bem próximos das narrativas literárias baseadas na combinatória: de uma série de elementos pré-determinados – no caso, as cartas do tarô – o personagem faz suas escolhas e monta sua narrativa. Se tal trabalho fosse levado ao extremo, estaríamos diante de um imenso manancial de narrativas possíveis, bastando optar por uma das formas de combinação das cartas. *O castelo dos destinos cruzados* seria, assim, uma máquina poética baseada na permutabilidade (CALVINO, 1977, 2002a; MARTINES, 1997). No entanto, Calvino faz alguns movimentos que introduzem novos elementos a essa lógica combinatória, complexificando a narrativa.

O primeiro desses elementos é o narrador. Ao mesmo tempo em que é personagem da ação, ele se apresenta a nós como um leitor, um intérprete das narrativas do tarô, e como autor da narrativa literária. Se a narrativa do tarô baseia-se na combinatória, a narrativa literária apresenta-se como o percurso de leitura do narrador, como sua interpretação dos fatos. Ele, como leitor, não faz as “combinações”, mas ressignifica as cartas a partir das problemáticas que lhe são colocadas no decorrer da narrativa.

Assim, os leitores do livro de Calvino não brincam com a combinatória, construindo narrativas previamente estipuladas. São os personagens do livro que cumprem esse papel. A essa narrativa responde o narrador que, a partir dos elementos simbólicos do baralho, reescreve literariamente a narrativa do personagem. É nessa reescritura que encontramos uma linha de fuga à lógica combinatória, que permite a aproximação da obra do modelo do hipertexto.

O segundo aspecto que pode ser pensado como uma maneira de avançar no simples jogo de combinações é a forma de ligação entre as diversas histórias do livro. Apesar de poderem ser consideradas pequenos contos independentes, elas unem-se, pela estrutura narrativa, num movimento semelhante ao que Lévy (1993) chamou “princípio de multiplicidade”: uma carta, funcionando como um nó, pode originar uma nova rede, e assim por diante. Outro princípio do hipertexto apontado por Lévy que se encontra esboçado na obra de Calvino é o “princípio de metamorfose”, que permite a todos os envolvidos garantir a constante reconstrução da rede hipertextual. É o que acontece na mesa do Castelo: a cada história narrada pelos personagens a rede é reconfigurada. Desse modo, a narrativa de Calvino acaba por funcionar segundo o “princípio de topologia”, transformando-se, como a rede, no próprio espaço. Nela, não há um ponto fixo, mas um constante deslocamento de centralidade a cada movimento realizado pelos personagens e pelo narrador.

As cartas do tarô são assim combinadas de inúmeras maneiras, com histórias que podem ser lidas a partir “dos quatro pontos cardeais”. A originalidade da obra não é, no entanto, o aspecto lúdico de seu jogo combinatório, evidenciado na narrativa iconográfica e na criação das diversas histórias que formam o livro. Seu maior diferencial é incluir nesse jogo um novo elemento, o narrador, que ao mesmo tempo em que se submete às regras as desacredita, criando um segundo eixo narrativo no qual o processo de escrita e leitura é discutido de forma incorporada à trama ficcional. Com esse movimento, Italo Calvino afasta-se da formalização excessiva e coloca em questão saberes referentes ao próprio literário, como a escrita e a leitura.

Em *O castelo dos destinos cruzados*, escrita e leitura aparecem como movimentos distintos e intercambiáveis, e a obra como resultado de um processo colaborativo entre autor e leitor. No jogo literário não há ganhadores nem perdedores, o texto só pode existir em decorrência do diálogo entre autor e leitor, que são papéis altamente flexíveis e móveis. Leitura e escrita funcionariam, assim, como as duas faces de um anel de Moebius (LÉVY, 1996), como elementos de um jogo que se faz através do confronto, da fluidez, da mistura de funções, enfim, como um processo em que o resultado depende do agenciamento coletivo de conhecimentos múltiplos.

Nesse percurso pela obra de Calvino, três outras questões recorrentes nos chamaram a atenção por estarem intimamente identificadas com a idéia de movimento e de rompimento de limites. Ainda que não tratem diretamente das noções de escrita e leitura, funcionam como espécies de molduras, de eixos transversais que norteiam a reflexão do autor sobre o literário.

A primeira refere-se à distinção entre os mundos escrito e não-escrito, com a qual Calvino coloca em debate a própria concepção da literatura e de seus limites. A diferenciação entre ambos não parte da noção de ficção versus realidade. Ambos os mundos são tratados como universos próprios, distintos, que se relacionam mas não se espelham. A principal diferença não está no "aspecto de verdade" de cada um deles, e sim em sua forma: o mundo não-escrito é um *continuum*, espaço da multiplicidade e da potencialidade, enquanto o mundo escrito é um universo com princípio e fim, o espaço de um particular que se cristaliza. Por isso a afirmação de que "o início é o lugar literário por excelência" (CALVINO, 2001, p. 735). Nesse universo conceitual, a literatura trabalha nesse limite, o qual tem a possibilidade e a responsabilidade de deslocar, de colocar em movimento, de tornar poroso.

A segunda questão diz respeito ao caráter de ensaio que atribui à sua ficção, fazendo-a trafegar pelas bordas, enxertando a teoria e tornando seu texto um híbrido no qual é difícil estabelecer fronteiras (CALVINO, 1995a). A postura questionadora e reflexiva, própria da teoria, é embutida em uma ficção que perpetuamente reflete sobre seu caráter literário e sobre suas possibilidades de produção de saberes e de subjetividades. Ao mesmo tempo, esse movimento desloca o espaço da teoria, que se vê invadida por um discurso outro, um discurso que a rigor não teria a propriedade de nela adentrar – o discurso ficcional. Ao violentar a teoria dessa maneira, Calvino reafirma seu compromisso com ela, garantindo-a como espaço de travessias várias.

A terceira questão é a idéia de biblioteca, de pensar o literário como um espaço de multiplicidade e de diálogo, um entrelugar a partir do qual todos os saberes podem se compor (CALVINO, 1995, 1995a, 2002). A idéia de conhecimento é coletiva e dependente de interconexões, de maneira que o sentido e o saber só podem se constituir a partir de uma perspectiva relacional. Segundo o autor, ao colocar-se em contato com o diverso, um texto modifica os outros, bem como o contexto no qual se insere e aqueles que com ele têm contato, ao mesmo tempo em que é também modificado pelos outros. A noção de biblioteca funciona assim como metáfora do espaço reticular da produção do saber, espaço onde uma totalidade de objetos nunca completa ou cristalizada relaciona-se constantemente com outros objetos na mesma situação, num processo contínuo e ininterrupto no qual a estranheza é a mola propulsora do conhecimento.

Ler a obra de Italo Calvino sob o enfoque da produção de conhecimento torna perceptível que a conformação de um saber narrativo corre paralelamente à discussão sobre a impossibilidade do saber como um conhecimento totalizante, completo, unívoco. Através da narrativa é possível a construção de um saber que é múltiplo, dinâmico e por vezes contraditório; um saber capaz de agregar em si a diversidade, produzido numa zona fronteira que ele mesmo constantemente desloca e altera.

Trazer para o bojo da reflexão teórica sobre a literatura questões levantadas pela própria narrativa permite que se acrescente ao escopo dos estudos literários saberes advindos do campo da ficção, muitas vezes menosprezados e que, no entanto, dizem muito desse complexo objeto de estudo. Ao longo desse trabalho, procurou-se apontar as maneiras através das quais a reflexão sobre o literário e questões a ele diretamente ligadas se estrutura na obra de Italo Calvino e como dela podem derivar saberes importantes para nossa compreensão do literário, como nos casos da escrita e da leitura. Como característica principal identificamos a mudança, a transitoriedade, a noção de conhecimento como multiplicidade, enfim, o que o próprio autor chama de incapacidade de concluir: se a literatura deve sempre libertar uma força centrífuga, se hoje ela só pode ser pensada na forma de uma "enciclopédia aberta", expressão que ao mesmo tempo evoca a busca da totalização e sua impossibilidade, a reflexão sobre a literatura precisa também permitir essas linhas de fuga ao diverso e ao desejo de totalização. Diante de um objeto inconcluso, que apresenta múltiplas ramificações, que pode ser alcançado pelos mais diversos caminhos e que se altera a cada conexão com novos elementos, qualquer conclusão é inviabilizada e tornam-se possíveis apenas determinados trajetos de leitura, olhares perscrutadores que sabem não ser únicos.

Abstract:

Starting from a reading of the work of Italo Calvino, this paper proposes a reflection on narrative knowledge and its possible contributions to literary studies. Using hypertext as its theoretical and methodological reference, the paper travels through Calvino's work in thematic paths and concepts relevant to the field of literature.

Keywords: Italo Calvino, narrative knowledge, hypertext.

Referências

CALVINO, Italo. A combinatória e o mito na arte da narrativa. In: LUCCIONI, G. et. al. *Atualidade do mito*. São Paulo: Duas Cidades, 1977. p. 75-80.

_____. *O castelo dos destinos cruzados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995a.

_____. A palavra escrita e a não-escrita. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 139-147.

_____. Cominciare e finire. In: BARENGUI, Mario (Org.). *Italo Calvino. Saggi. 1945-1985*. Milano: Mondadori, 2001. v. 1, p. 734-753.

_____. *Mondo scritto e mondo non scritto*. Milano: Mondadori, 2002.

_____. Cibernetica e fantasmi (Appunti sulla narrativa come processo combinatorio). In: *Una pietra sopra*. Discorsi di letteratura e società. Milano: Mondadori, 2002a. p. 199-219.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2002.

MARTINES, Andrea. *La letteratura combinatoria*. Tesi (Laurea in Storia della critica e della storiografia letteraria) – Facoltà di Lettere e Filosofia, Università Degli Studi di Roma "Tor Vergata", Roma, 1997. Disponível em: <www.geocities.com/athens/olympus/6043/>. Acesso em: 25 fev. 2005.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Europa América, 2002.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2003.

___ (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: "Um discurso sobre as ciências" revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.